

A BÍBLIA, LITERATURA QUE HUMANIZA

Geovani José da Silva⁶⁹
Concísia Lopes dos Santos⁷⁰

RESUMO

A Bíblia, embora seja um livro, consegue facilmente ultrapassar este conceito. Ao lê-la, se pode encontrar inúmeras particularidades entre as quais se destacam seus diversos escritos, gêneros, autores, estilos e séculos de histórias, parece-nos não somente um livro, mas uma biblioteca. Sua leitura é algo comum em mais de um espaço. No ambiente religioso, que é lugar de origem desses textos, temos duas religiões mundiais: o Judaísmo e o Cristianismo, que mesmo em versões diferentes, compreendem a Bíblia como elemento basilar, cuja leitura é indispensável. Nessa direção, ampliando o ângulo de visão, sem desconsiderar o espaço da Bíblia na religião, sua leitura de acordo com estudo quadrienal promovido pelo Instituto Pró-Livro em 2019, a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” obteve-se como um dos resultados que a leitura da Bíblia ocupa o 1º lugar, sendo assim, o livro mais lido no país. Dessa maneira, levando em consideração as especificidades próprias para o seu estudo, observando a relevância da leitura bíblica tanto para religiosos como no ambiente nacional e com o intuito de contribuir para os estudos literários e teológicos, compomos uma pesquisa de natureza qualitativa em que tomamos como objetivo investigar a Bíblia enquanto literatura e o valor de sua leitura. Para a consolidação dessa pesquisa, desenvolvemos um estudo comparativo e bibliográfico apoiados nas discussões Cândido (2006), Compagnon (2001) e Gabel e Wheeler (1993), Wellek e Warren (2003), obtivemos como resultado a tecitura de uma breve análise que trata sobre a literariedade bíblica e valor humanizador de sua leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Literatura. Humanização.

1 INTRODUÇÃO

A leitura da Bíblia não é algo incomum em nosso país. Somos uma jovem nação de 520 anos que possui como religião base do processo de colonização o Catolicismo, religião esta que tem a Bíblia como um de seus pilares. Mesmo em versões diferentes, esse livro ocupa um

⁶⁹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas - pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró/RN e bacharelado do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. E-mail: geovani.j@hotmail.com

⁷⁰ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas - pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Especialização em Língua Portuguesa - Leitura, produção de texto e gramática, Especialização em Literatura Afro-brasileira - também pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem - Literatura Comparada - pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunta II de Teoria da Literatura no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: concisialopes@uern.br.

importante espaço em duas religiões mundiais: o Judaísmo e o Cristianismo. Dessa maneira, não apenas no Brasil, mas em outros lugares, como na América do Norte, particularmente nos Estados Unidos e regiões fronteiriças, e na Europa, como Itália, Portugal, Espanha e regiões fronteiriças, é um clássico literário cuja leitura é facilmente acessível.

De acordo com estudo quadrienal promovido pelo Instituto Pró-Livro em 2019, através da pesquisa intitulada “Retratos da leitura no Brasil” se investigou quais obras têm sido alvo da leitura dos brasileiros. A pesquisa revelou que a Bíblia é o livro mais lido no país.

Sabendo deste dado é oportuno traçar um perfil desses leitores buscando destacar quem são esses consumidores/leitores que fazem a Bíblia tão conhecida. Assim, de modo geral, poderíamos pensar em três grandes grupos: os religiosos (cristãos e judeus), os amantes literários e os estudiosos ou críticos literários.

Dessa maneira, levando em consideração as especificidades próprias para o seu estudo, observando a relevância da leitura bíblica tanto para religiosos como no ambiente nacional e com o intuito de contribuir para os estudos literários e teológicos, compomos uma pesquisa de natureza qualitativa em que tomamos como objetivo investigar a Bíblia enquanto literatura e o valor de sua leitura.

Para a consolidação dessa pesquisa, desenvolvemos um estudo comparativo e bibliográfico baseado nas obras de Cândido (2006), Compagnon (2001) e Gabel e Wheeler (1993), Wellek e Warren (2003), tecemos a escrita em dois tópicos: a Bíblia como literatura: breves considerações e literatura bíblica e humanização.

2 A BÍBLIA COMO LITERATURA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Embora não seja novidade estudar os textos literários bíblicos, algumas pontuações são necessárias. A princípio pensemos, o que é a Bíblia? John Gabel e Charles Wheeler, em seu livro *A Bíblia como literatura* (2003), dizem que “[...] a Bíblia não é um livro no sentido comum do termo, mas uma antologia – um conjunto de seleções de uma biblioteca de escritos religiosos e nacionalistas produzidos ao longo de um período de cerca de mil anos” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 22).

Dessa maneira, podemos entender a Bíblia como uma “coletânea” que reuniu escritores de diferentes épocas, mas com a mesma intenção em mente, conservar sua cultura nacional – levando em consideração que o povo hebreu viveu como escravo no Egito e confiantes na promessa de Deus partirem em busca da terra prometida – logo, tendo vivenciado esse êxodo, preservar a sua história, fé e cultura era primordial para eles. Para isso, as Escrituras perpassaram um longo período entre produção, escritura, redação e tradução para que tenhamos as atuais versões. Dentre as versões existente da Bíblia cristã, tomamos o exemplar mais antigo, isto é a Bíblia da tradição Católica.

Para a consolidação da Bíblia como temos atualmente percorreu-se um longo processo que originou o *cânon*. Este processo, resultou em quais livros participariam da composição e até mesmo a ordem em que estariam dispostos. Buscando ampliar a discussão sobre *cânon*, Gabel e Wheeler (2003) nos dizem que:

A palavra “cânon” é um descendente direto, através do grego e do latim, de uma palavra semita que significa “cana” (*kaneh* em hebraico). Por ser longa, fina e reta, a cana pode ser usada para medir, como hoje usamos o metro; por isso, a palavra para cana veio a denotar uma vara de medida, e depois, por extensão metafórica, uma regra, um padrão ou norma (GABEL; WHEELER, 2003, p. 74).

A canonicidade é a medida ou padrão pelo qual os antigos buscaram preservar a genuinidade e legitimidade dos textos em que se encontravam suas histórias, cultura e fé. Nesse intuito se tomam alguns critérios, entre os quais destacamos “testemunhar a fé vivenciada”, “ter comunhão com a *Torah*”, que permaneceram imutáveis por toda a tradição israelita, e um dos principais: “atribuir/outorgar a inspiração divina aos escritos”.

Além dos critérios mencionados um outro ponto importante é a autoria dos escritos bíblicos. Comumente nos estudos literários há um espaço que reflete sobre quem escreveu determinada obra, o contexto ou a sociedade que o autor estava inserido. Entretanto, isso não é tão simples nos estudos das obras bíblicas, conforme destacam Gabel e Wheeler (2003):

Embora o autor bíblico, como qualquer outro, seja uma pessoa que dá expressão a um tema por meio da linguagem, a literatura bíblica em si não pode ser explicada pela mera afirmação de que fulano e beltrano escreveram

isto ou aquilo. A maioria das obras bíblicas oculta a história de autoria sobre modo complexo (GABEL; WHEELER, 2003, p. 21).

Conforme os teóricos, a autoria não é algo fundamental para os escritos bíblicos. Podemos compreender essa realidade lembrando que estes são originados da tradição oral, ou seja, as histórias que foram passadas de uma geração para outra, dos pais para os filhos. Assim, a autoria não é facilmente conservada, até mesmo a noção de registro ganhou espaço e desempenho com a escrita, por isso não se sabe muito sobre autores originais da Bíblia.

Com o passar do tempo, as histórias do povo hebreu também foram escritas, mas como são fruto de um povo que teve uma pequena parcela da população com acesso à escrita e esta não era uma habilidade de muitos, a sistematização dos escritos necessitou do longo processo de redação. Logo, segundo Gabel e Wheeler (2003) os redatores tiveram uma árdua missão:

[...] confeccionaram uma versão acabada de um texto a partir dos materiais postos à sua frente; esses materiais podem consistir em versões alternativas completas, várias versões parciais ou até mesmo uma versão subitamente completa, que só precisa de pequenas mudanças. Eles podem selecionar, reorganizar, acrescentar os vínculos necessários, inserir explicações e até criar um arcabouço narrativo ou expositivo de sua lavra para apresentar o material (GABEL; WHEELER, 2003, p.23).

O papel desempenhado pelos redatores foi indispensável para a consolidação da versão da Bíblia que conhecemos, pois além de fazerem esse trabalho de redação, que em alguns momentos podiam fazer apenas pequenos ajustes, em outros tiveram que compilar textos fragmentados, ou até mesmo completar com suas impressões e memórias as possíveis lacunas que houvessem nos textos escritos.

Além dos autores originais e dos redatores, para que pudéssemos ter acesso aos escritos bíblicos foi preciso que se traduzisse, pois o percentual de pessoas que entendem hebraico, aramaico e grego é pequeno. Desse modo, os primeiros escritos da Bíblia – o que na tradição cristã compreende como Antigo Testamento – foi escrito em hebraico. No entanto, conforme Gabel e Wheeler (2003) os judeus que viviam fora da Palestina não usavam a língua hebraica e conseqüentemente não entendiam os textos, por isso foi preciso traduzir para o grego, a língua

que eles usavam. Essa tradução aconteceu por volta do século III a. C., e ficou conhecida como *Septuaginta*⁷¹.

Posteriormente, outra tradução foi feita, com um longo período de tempo, no século IV, a pedido do Papa Dâmaso I. São Jerônimo, então presbítero, traduziu os textos dos originais (hebraico, aramaico e grego) para o latim – a língua oficial da Igreja. Essa tradução, de acordo Gabel e Wheller (2003), recebeu o nome de *Vulgata*, versão oficial utilizada pela Igreja Católica durante muitos séculos, revisitada e atualizada na Nova Vulgata.

Mesmo cientes de que a Bíblia não é homogênea quanto aos estilos, gêneros e até mesmo pelo processo de confecção, ela não deve ser entendida como um aglomerado de livros. Ao contrário, é um grande compilado de escritos, sistematicamente organizado, que possui sua própria “didática” e linguagem.

Tendo em mente que a Bíblia é um livro, a maneira pela qual analisamos a sua literariedade deve estar resguardada por um princípio fundamental que Wellek e Warren (2003) nos lembram: “a sua natureza é, na potência, o que, no ato, é a sua função. Ela é o que pode fazer; ela pode fazer e deve fazer o que é. Devemos valorizar as coisas pelo que são e pelo que podem fazer, e avaliá-las por comparação com outras coisas de natureza e função similares” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 325).

A natureza da literatura encontra-se na da potência do ato que é na função. Ao entendemos a literatura somente como “poesia”, “ficção”, “brincadeira” ou mesmo um “entretenimento” e outras possíveis percepções, estaríamos sendo, no mínimo, reducionistas. Acaso se compreendesse a literatura como um recurso para um propósito, como por exemplo “a literatura como um meio de expressão”, ainda assim seria injusta a avaliação, pois se estaria considerando a literatura apenas como um meio. Em suma, o cerne para compreender a literariedade de quaisquer que sejam os textos, deveria tomar como norteador a sua natureza.

⁷¹ De acordo com Gabel e Wheller (2003) a Septuaginta (LXX) é a nomenclatura que a Bíblia recebeu devido a tradução realizada do Hebreu para o Grego ter sido realizada por 70 sábios da época.

3 LITERATURA E HUMANIZAÇÃO

Candido nos elucida que, sociologicamente falando, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Segundo o autor, os três elementos, *autor, obra e público*, se relacionam porque “todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito” (CANDIDO, 2006, p. 31).

A relação simbólica dos três elementos confirma a concepção de arte coletiva. Em sua obra *Candido* (2006, p. 35) diz: “o que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo”.

A premissa fundamental é que toda obra “exige necessariamente a presença do artista criador” (CANDIDO, 2006, p. 35). Assim, o sujeito artista desde o processo de produção está imerso em valores, sejam eles culturais, sociais, políticos, religiosos ou ideológicos que distinguem essencialmente a singularidade de cada artista.

Quando se pensa em arte como expressão da sociedade, é essencial compreender o que de fato significa esta expressão. Conforme Sainte-Beuve, “o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade” (SAINTE-BEUVE *apud* Candido, 2006, p. 28).

Os textos literários não são meros retratos da realidade na qual o artista está inserido. De maneira alguma podemos reduzir o produzir arte como se fosse apenas um amontoado de referências e recortes de um determinado contexto. A produção artística é a maneira singular pela qual homens e mulheres, ao logo do tempo, constroem uma realidade própria para a atmosfera artística em que tudo é possível, mas não de qualquer forma, pelo contrário, através da singular maneira de fazer arte.

Nesse sentido, conforme Candido (2004), a literatura ocupa o papel que se vincula ao processo de humanização do homem. De acordo com o estudioso, essa função da literatura

confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Candido, 2004, p. 180).

Segundo o autor, é possível entender que a literatura é um importante elemento para formação dos sujeitos, pois literatura, dentre suas funções, comporta uma importante força humanizadora, por meio dela o sujeito leitor tem a oportunidade de refletir sobre os elementos que a obra apresenta.

Desse modo, a literatura oportuniza aos sujeitos leitores a oportunidade de crescer em sua formação pessoal, pois mesmo no mundo fictício os leitores encontram contextos e situações em que sua construção pessoal é colocada em confronto com o texto, possibilitando assim, refletir sobre as mais diversas temáticas da vida, pois visa, sobre si, como também, propicia a construção de valores pelos quais se pode entender o belo e o outro, favorecendo o autoconhecimento e a empatia. Portanto, o homem, pela literatura, pode encontrar-se com sua humanidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, encerramos este estudo com duas considerações. Primeiro, desconsiderar a literariedade da Bíblia é negar a própria natureza da literatura; e, segundo, pela literatura, neste caso a literatura bíblica, ao ler o homem tem a oportunidade de se encontrar com seu efeito, isto é encontrar a poesia, uma reflexão, um sentido de vida, encontrar sua própria natureza, a humanidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

GABEL, J. B; WHEELER, C. B. **A Bíblia como Literatura**. Tradução Gonsalves. M. S. Sobral. A. I. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

SOMBINI, E, Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. Folha de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>> Acesso em 03 de nov. 2021.

WELLEK, R. WARREN. A. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Borges. L. C. São Paulo: Martins Fontes, 2003.